



“É preciso promover parcerias potenciadoras de investimentos que favoreçam a capitalização” dos bancos, disse Pedro Rebelo de Sousa à “Vida Económica”.

## “A capitalização dos bancos é inevitável e difícil no actual momento”

“Espero que Basileia III venha o mais tarde possível e o mais doce possível”. Este é o desejo de Pedro Rebelo de Sousa, presidente do Instituto Português de Corporate Governance. Em declarações à “Vida Económica”, fala das novas regras de Basileia III para o sector bancário, afirmando que “a capitalização [dos bancos] é inevitável”, apesar de ser um “desafio difícil no actual momento”.

TERESA SILVEIRA  
teresasilveira@vidaeconomica.pt

Apesar de toda a turbulência suscitada pela actual crise económica, mas, sobretudo, financeira que continua a assolar o país e a Europa, “a banca portuguesa mostrou grande resiliência e capacidade de se manter sem grandes constrangimentos estruturais”, disse Pedro Rebelo

de Sousa à “Vida Económica” à margem de um jantar/debate, a semana passada, promovido pela Associação Comercial do Porto. O desempenho dos bancos portugueses em todo o processo demonstra, aliás, a “solidez do sistema”.

Uma coisa é certa: com as novas regras impostas por Basileia III, “a capitalização [dos bancos] é inevitável”, mas é, também, “um desafio difícil no actual momento”. A verdade, diz Pedro Rebelo de Sousa, é que “terá que haver gradualização na implementação de novas regras”, ao mesmo tempo procurando “com criatividade parcerias potenciadoras de investimentos que favoreçam tal capitalização”.

Questionado pela VE sobre o papel da regulação e dos auditores – Pedro Rebelo de Sousa tinha questionado durante a sua intervenção: “onde estava o regulador nos casos do BPN e do PBB?” e “o que fizeram as auditorias? –, o presidente do Instituto de Corporate Governance é claro.

“Ao nível dos reguladores haverá, sem dúvida, que reavaliar as estruturas, procedimentos e qualidade de quem exerce a função de fiscalização”, mas também a nível das “chefias” terá de haver “maior ‘ac-

### Novas fusões e aquisições são desejáveis na banca

Em todas as áreas como, também, na banca, Portugal tem “um problema de dimensão”, afirma Pedro Rebelo de Sousa. Questionado pela VE sobre se, derivado também das novas regras de Basileia III, nomeadamente quanto aos níveis de capitalização exigidos e às chamadas “almofadas de reserva de capital”, se deveria promover um processo de concentração no sistema bancário

português e se há espaço e necessidade de novas operações de fusão/aquisição para tal, o advogado não hesita.

“Sim, acho que há espaço para e [que] é desejável uma consolidação do tipo da que se tentou entre BCP/BPI”, declarou Pedro Rebelo de Sousa à “Vida Económica”. Aliás, a verificar-se este processo, “ganham todos” – “mercado, sistema e instituições”.

countability’ (que vai para além da mera responsabilização), para que não passem a imagem de incompetência impune que custa milhões ao contribuinte”.

Já quanto aos auditores, Pedro Rebelo de Sousa não tem dúvidas: “se for o caso”, deverão “responder pelo que se vier a apurar judicialmente sobre eventuais lacunas, omissões ou erros na sua actividade”.

É que, apesar de considerar que “temos um ‘governance’ das sociedades que tenta pautar-se pelos padrões internacionais”, Pedro Rebelo de Sousa sugere mudanças

para credibilizar o sistema bancário.

A “composição dos órgãos de gestão e o peso, a representatividade, a competência e efectiva independência dos não executivos independentes, as funções de fiscalização e tudo o que cerca o perímetro do respectivo exercício” são exemplos. Mas é “igualmente desejável reflectir sobre a transparência no exercício do domínio”, sobre a “clarificação das políticas remuneratórias”, atendendo a factores como a “sustentabilidade”, não esquecendo a “corporate governance” no sector empresarial público.



**49** **MERCADOS**  
Pedro Rebelo de Sousa considera a capitalização dos bancos inevitável e difícil no actual momento



## MERCADOS

“A capitalização dos bancos é inevitável e difícil”

Pág. 49

